

Práxis e Estudos Culturais Físicos: implicações para a formação em Educação Física

Gabriella Gonçalves Mendes da Silva^{1*}, Vitor Hugo Marani², Eduarda Carolina Irber³, Ábia Lima de França⁴

¹Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil.

²Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO, Brasil.

³Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil.

⁴Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, Brasil.

*Autora correspondente: gabriellagmendes@gmail.com

Resumo:

De caráter qualitativo, o presente estudo investiga o modo como o termo práxis emerge na obra *Routledge Handbook of Physical Cultural Studies*, apontando contribuições para a constituição de práticas pedagógicas críticas em processos formativos na Educação Física. A partir da referida obra, foram analisados 18 capítulos que mencionam o termo ao menos uma vez. A partir da leitura de cada texto, ambos foram organizados em dois grupos: A, com ênfase conceitual, em que o termo possui foco central de discussão; e B, com foco transversal, emergindo de forma pontual e/ou secundária. A partir disso, estruturamos três categorias interpretativas que possuem o intuito de organizar o modo como o termo é acionado, sem propósito de estabelecer noções rígidas/fixas, são elas: 1) emancipatória/social; 2) feminista/metodológica; e 3) pedagógica/educativa. Apesar das diferenças contextuais de cada estudo, os capítulos convergem ao conectar teoria, ação e reflexão crítica. O estudo evidencia a práxis como instrumento analítico e de intervenção, que interpretamos como contribuinte pensar práticas, pesquisas e fazeres pedagógicos na Educação Física, promovendo consciência crítica, inclusão social e engajamento.

Palavras-chave: Práxis; Estudos Culturais Físicos; Pedagogia Crítica; Educação Física.

Praxis and Physical Cultural Studies: implications for the field of Physical Education

Abstract:

Qualitative in nature, this study investigates how the term praxis emerges in the Routledge Handbook of Physical Cultural Studies, highlighting contributions to the development of critical pedagogical practices in formative processes within Physical Education. From the aforementioned work, 18 chapters that mentioned the term at least once were analyzed. Based on the reading of each text, the chapters were organized into two groups: A, with a conceptual emphasis, in which the term constitutes a central focus of discussion; and B, with a transversal emphasis, in which the term emerges in a secondary and/or incidental way. From this, we structured three interpretative categories intended to organize how the term is mobilized, without aiming to establish rigid or fixed notions. These are: (1) emancipatory/social; (2) feminist/methodological; and (3) pedagogical/educational. Despite contextual differences in each study, the chapters converge in connecting theory, action, and critical reflection. The study highlights praxis as both an analytical and an intervention tool, which we interpret as contributing to rethinking practices, research, and pedagogical work in Physical Education, fostering critical awareness, social inclusion, and engagement.

Keywords: Praxis; Physical Cultural Studies; Critical Pedagogy; Physical Education.

Praxis y Estudios Culturales Físicos: implicaciones para la formación en Educación Física

Resumen:

De carácter cualitativo, el presente estudio investiga el modo en que el término *praxis* emerge en la obra *Routledge Handbook of Physical Cultural Studies*, señalando aportes para la constitución de prácticas pedagógicas críticas en los procesos formativos en la Educación Física. A partir de dicha obra, se analizaron 18 capítulos que mencionan el término al menos una vez. Con base en la lectura de cada texto, los capítulos fueron organizados en dos grupos: A, con énfasis conceptual, en el que el término constituye un foco central de discusión; y B, con énfasis transversal, en el que el término aparece de manera puntual y/o secundaria. A partir de ello, estructuramos tres categorías interpretativas que tienen como objetivo organizar el modo en que el término es movilizado, sin pretender establecer nociones rígidas o fijas. Estas son: (1) emancipatoria/social; (2) feminista/metodológica; y (3) pedagógica/educativa. A pesar de las diferencias contextuales de cada estudio, los capítulos convergen en la conexión entre teoría, acción y reflexión crítica. El estudio evidencia la *praxis* como un instrumento analítico y de intervención, que interpretamos como una contribución para repensar prácticas, investigaciones y quehaceres pedagógicos en la Educación Física, promoviendo la conciencia crítica, la inclusión social y el compromiso.

Palabras clave: Praxis; Estudios Culturales Físicos; Pedagogía Crítica; Educación Física.

Introdução

A práxis tem se consolidado como conceito fundamental para pensar a relação entre teoria e prática, ação e reflexão crítica em diferentes campos das ciências humanas e sociais. Nos Estudos Culturais Físicos (tradução de *Physical Cultural Studies*), esse princípio teórico ganha relevância ao articular investigação, intervenção e transformação social, permitindo analisar como expressões da cultura física¹ configuram-se e transformam-se em contextos variados. Tal perspectiva atravessa diferentes estudos produzidos por pesquisadores/as que se reconhecem no campo, o que contribui para se pensar a práxis por diferentes vertentes.

Segundo Silk e Andrews (2011), os Estudos Culturais Físicos (ECF) configuram-se como projeto intelectual teoricamente informado, campo, abordagem, que se compromete com a mudança social, intervindo em contextos diversos que expressam injustiças. O campo se dedica a investigar o corpo em suas múltiplas complexidades, compreendendo a cultura física como espaço de negociações, materializações da fisicalidade e atravessamentos de relações de poder que impactam a organização dos corpos (Silk; Andrews; Thorpe, 2017; Marani; Sá; Lara, 2021).

¹ O termo cultura física é abordado como expressões da fisicalidade que incluem, mas não se restringem, ao esporte, a dança, o fitness, as lutas, o lazer, os movimentos, entre outras (Silk; Andrews; Thorpe, 2017).

Como campo emergente, os ECF utilizaram de estratégias para se consolidar na academia, representando seu potencial como campo de pesquisa e intervenção crítico. Nesse movimento, além de investirem em diversos artigos acadêmicos, representantes dos ECF organizaram a obra intitulada *Routledge Handbook of Physical Cultural Studies* que, além de focar em diferentes concepções e aplicações de pesquisas e estudos sob a perspectiva do campo, apresenta múltiplos usos do termo práxis, ora como conceito central, estruturando capítulos inteiros, ora como menção pontual/secundária em contextos específicos, revelando a diversidade de sentidos e aplicações.

O olhar teoricamente informado dos ECF, como explicam Andrews (2008), Thorpe, Barbour e Bruce (2011) e Silk, Andrews e Thorpe (2017), projeta a pesquisa acadêmica por meio da práxis para além da academia. Essa projeção permite explorar elementos da holística sociocultural e econômica dos estudos do corpo, bem como investigações que problematizam como os corpos se organizam e se relacionam a partir dos marcadores sociais da diferença como gênero, raça/etnia, sexualidade, deficiência, nacionalidade, entre outros. Tal perspectiva também auxilia pesquisadores/as na (re)leitura crítica dos contextos estudados, possibilitando articular pesquisa social e iniciativas subversivas de injustiças sociais derivadas das relações de poder entre sujeitos (Silk; Mayoh, 2017).

Ao deslocarmos o olhar para contexto brasileiro, as produções relacionadas à práxis na Educação Física (EF) apresentam-se em diferentes perspectivas, tais como na formação docente, em abordagens pedagógicas, no currículo, nas políticas educacionais, além de estudos que focam em práticas específicas. Natividade (2007), por exemplo, desenvolve discussões acerca da capoeira; enquanto Devide (1996) apresenta argumentações relacionadas à saúde. Nessa perspectiva, aproximar-se do campo internacional dos ECF permite pensar outros “tons” para a Educação Física, uma vez que esse campo oferece lentes e aparatos teórico-metodológicos que ajudam a compreender a intervenção como parte constitutiva da pesquisa, ainda que por diferentes caminhos (Olive, 2017).

Como conceito central a ser mobilizado neste estudo, a noção de práxis nos ECF aproxima-se daquela proposta por Paulo Freire, compreendida como “a reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (1987, p. 25). Em Freire, a práxis designa a união entre teoria e prática, permitindo evidenciar o dinamismo social sob uma perspectiva política, coletiva e democrática. Tal compreensão remete às discussões acerca dos corpos enquanto agentes da opressão ou da opressão sofrida, o que produz efeitos de injustiça social entre sujeitos em seus contextos.

A injustiça social, por sua vez, é compreendida aqui como efeito das relações de poder que operam privilegiando ou marginalizando corpos marcados pela diferença a partir de categorias (Andrews; Silk, 2015). Nesse horizonte, tal autoria argumenta que a práxis materializa uma dimensão capaz de articular teoria e imersão no contexto, visando subversões nesses quadros. Freire (1987) reforça essa compreensão ao indicar que, sem a práxis, é impossível superar a dicotomia entre opressores/as e oprimidos/as, pois teoria e prática encontram-se entrecruzadas em uma perspectiva dialética de compreensão e transformação do mundo.

Como componente investigativo do corpo, da cultura física e das relações de poder, este estudo busca contribuir com os diálogos entre os ECF e a Educação Física brasileira, especialmente em suas intersecções com o conceito de práxis. Ressalta-se que as reflexões aqui apresentadas tiveram início durante o componente curricular “Tópicos Especiais em Educação Física”, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGEF/UFMT), ministrada pelo docente Vitor Hugo Marani no ano de 2021. A disciplina estimulou (re)leituras e discussões sobre investigações produzidas nos ECF (Silk; Andrews, 2011; Silk; Andrews; Thorpe, 2017; Lara; Rich, 2017), proporcionando debates contextualizados na EF. Posteriormente, as ideias para esse trabalho foram aprimoradas por meio de diálogos entre integrantes do Grupo de Pesquisa Corpo, Diferença e Educação Física (CODEF/UFG/CNPq) e do Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade (GPCCL/UEM/CNPq).

Desse modo, o objetivo do presente estudo é investigar o modo como o termo práxis emerge na obra *Routledge Handbook of Physical Cultural Studies*, apontando contribuições para a constituição de práticas pedagógicas críticas em processos formativos na EF. Para isso, concordamos com Almeida e Fensterseifer (2014, p. 20), os quais afirmam que práxis não se trata de “simplesmente aplicar ‘teoria’ na ‘prática’ e, sim, (re)construir/(re)inventar nossa prática”. Essa articulação evidencia que teoria e prática se desenvolvem em paralelo, mediante processos de intervenção contextual voltados à transformação social (Freire, 1987). Mais do que um conceito, a práxis constitui uma perspectiva crítica para pensar dimensões formativas, políticas e emancipatórias.

O estudo está organizado em três tópicos: o primeiro possui enfoque na apresentação do campo dos ECF e na obra do *Routledge Handbook of Physical Cultural Studies* e, ao final, enuncia o modo como o estudo foi realizado; o segundo tópico elucida cada capítulo encontrado e o modo como o termo práxis é acionado; e por fim, no terceiro tópico, apontamos categorias

interpretativas de análises, que servem como lentes para visualizar e compreender as diferentes representações da práxis, incluindo suas implicações para a constituição de práticas pedagógicas críticas em processos formativos na EF.

***O Handbook of Physical Cultural Studies* e os caminhos da práxis: delimitação do corpus**

Compreendido como um campo de estudos, uma abordagem, um projeto teoricamente informado, os ECF possuem origem em países de língua inglesa, não havendo um momento ou local exato de sua criação, se estabelecendo ao decorrer de produções que caminharam em uma mesma direção epistemológica (Andrews, 2002; Andrews; Silk, 2015). Esse campo é constituído por pesquisadores/as e estudiosos/as de diferentes locais geográficos, que contribuem, por meio de diversas áreas de pesquisas e formações, para produção de conhecimento acerca do corpo, da cultura física e das relações de poder (Silk; Andrews; Thorpe, 2017). Um dos aspectos que regem este campo é o fato de não concordarem com definições autoritárias e verdadeiras em absoluto, já que não buscam criar uma hierarquia entre as formas de conhecimentos, e sim, contribuir por meio de um diálogo contínuo, crítico e construtivo, o que resulta em um caráter fluído da abordagem (Silk; Andrews; Thorpe, 2017).

O campo se propõe à “compreensão contextualizada das práticas, discursos e subjetividades corporais por meio das quais os corpos ativos se organizam, são representados e vivenciados em relação às operações do poder social” (Silk; Andrews, 2011, p. 7, tradução nossa). Trata-se, portanto, de um projeto voltado a aprofundar o entendimento da organização sociocultural, das formas de representação e das vivências incorporadas em sua dimensão ativa (Silk; Andrews, 2011). Além disso, os/as estudiosos/as que o compõem buscam analisar as relações e os efeitos de poder vinculados às discussões e intervenções em torno do corpo e da cultura física (Silk; Andrews; Thorpe, 2017).

A construção dos ECF ocorre a partir da tentativa de complementar discussões realizadas no campo da Cinesiologia e da Sociologia do Esporte (inicialmente no contexto norte-americano, mas também para além dele), nos quais os esforços concentravam-se, predominantemente, em pesquisas voltadas às concepções do corpo por um viés biológico e em práticas esportivas (Andrews, 2008). Essa abordagem emerge da necessidade de investigar outras categorias inerentes à compreensão do corpo, às representações da fisicalidade e às discussões integradas às ciências humanas e sociais.

Em relação ao uso dos ‘Estudos Culturais’ em sua nomenclatura, Silk e Andrews (2011) explicitam que o surgimento desta abordagem é influenciada pelos Estudos Culturais (EC) britânicos, tendo como uma de suas diferenças o olhar atento às expressões da cultura física e das relações de poder. Vale salientar que os EC, na década de 1990, tornaram-se marcantes no meio acadêmico, alcançando diversas áreas disciplinares e transcendendo fronteiras, representando, no âmbito da sociologia do esporte, um nicho em expansão (Andrews, 2002).

No Brasil, a produção de pesquisas inspiradas na abordagem dos ECF está em ascensão e ocupa cada vez mais espaço. As autoras Lara e Rich (2017), no trabalho denominado ‘Os Estudos de Cultura Física na Universidade de Bath-Reino Unido: dimensões de uma abordagem muito além da fisicalidade’, buscaram compreender como “a cultura física é teorizada e de que modo os temas investigativos são materializados por essa abordagem” (Lara; Rich, 2017, p. 1311). Esse trabalho é um dos marcos por se tratar de uma das primeiras produções em coautoria entre uma pesquisadora brasileira da área da EF e uma representante internacional do campo dos ECF.

Ainda no contexto brasileiro, outras publicações que exploram o campo como foco primário foram produzidas, a citar Marani (2019) e Sandoli e Marani (2023), que focalizaram o levantamento da temática do corpo; Pereira Filho, Irber e Marani (2023), que mapearam os estudos acerca do corpo e das masculinidades nos ECF; Irber, França e Marani (2024) argumentam sobre o diálogo entre Estudos Culturais Físicos e Feminismo, manifestando a possibilidade de estudos que caminham na direção dos Estudos Culturais Físicos Feministas (ECFF); Marani, Silva, Irber e Araújo (2022) que discutem experiências formativas na Educação Física brasileira a partir dos ECF com foco em categorias de gênero, sexualidade e raça; assim como, no que se refere aos estudos que envolvem a práxis, França, Marani e Nascimento (2023) exploram como as contribuições de Paulo Freire aparecem nos ECF. Além dessas, outras foram publicadas tendo como pressupostos os fundamentos e os compromissos do campo.

A partir dessas contextualizações, buscamos localizar o campo documental de análise do presente estudo. A coletânea *Routledge Handbook of Physical Cultural Studies* foi desenvolvida com o intuito de fornecer uma “[...] plataforma para marcar as fronteiras – necessariamente fluidas e permeáveis do ECF em suas atuais e complexas iterações” (Marani; Sá; Lara, 2021, p. 3). Organizada por Michael Silk (Inglaterra), David Andrews (EUA) e Holly Thorpe (Nova Zelândia), a obra foi publicada em 2017 e conta com “610 páginas escritas em língua inglesa por 89 pesquisadores, as quais são sistematizadas em nove seções, 58 capítulos

e um posfácio” (Lara; Herold; Miranda; Souza, 2019, p. 229). Pontuamos que nem todos/as os/as autores/as presentes na coletânea se reconhecem, necessariamente, como integrantes do grupo. Alguns/as compõe a obra por identificarem proximidade de seus estudos ou fundamentos com os propostos pelos ECF.

Em relação à estrutura, na seção I, foram discutidos dados históricos, fundamentos, relações de poder, teoria, reflexividades, feminismo, práxis, dentre outros; na seção II, há discussões acerca da cultura física e suas diferentes manifestações contextuais. Nas seções III, IV e V, são abordadas questões relacionadas ao corpo, diferentes marcadores sociais e suas experiências, se atentando às discussões democráticas atreladas à cultura física. Nas seções finais, sendo VI a IX, segundo Lara, Herold, Miranda e Souza (2019, p. 2), “[...] o PCS é tematizado a partir da relação da cultura física com espaços, contextos, políticas, práxis e abordagens metodológicas”.

Nesse sentido, o presente estudo adota uma abordagem qualitativa (Godoy, 2021), estruturada a partir da análise de capítulos que integram a referida obra. Para tanto, realizou-se uma busca sistemática nos capítulos que compõem a coletânea de referência do campo, utilizando o termo “práxis” como descritor. Foram selecionados todos os textos em que o termo aparece, de modo a identificar as diferentes formas de sua mobilização. A análise consistiu em explicitar, em cada capítulo, o objetivo central e como a práxis emerge, organizando os resultados em dois grupos: **Grupo A**, referente às contribuições teóricas e conceituais, em que o termo é diretamente trabalhado; e **Grupo B**, que compreende as aparições em plano secundário, em que o termo aparece de forma transversal, pontualmente tendo outros focos primários.

Nesse sentido, os critérios que incluíram os capítulos no escopo da amostra foram: a) ser um capítulo da obra *Routledge Handbook Physical Cultural Studies* (Silk; Andrews; Thorpe, 2017); e b) tematizar a práxis. Foram localizados 18 capítulos, sendo três do Grupo A (foco primário e conceitual) e 15 do Grupo B (com foco transversal/secundário). A seguir, apresentamos o panorama dos achados, as respectivas mobilizações do termo práxis e tecemos reflexões que visam contribuir com a Educação Física brasileira.

Mapeamento do termo ‘práxis’ na coletânea dos Estudos Culturais Físicos

Como mencionado anteriormente, dividimos a amostra em dois grupos por compreender as diferentes formas pelas quais o termo práxis se manifesta. Os textos são apresentados

seguindo a ordem crescente relativa à sua disposição no livro. Mencionamos a quantidade de vezes que a palavra ‘práxis’ emerge a título de curiosidade, entendendo que nem sempre a frequência está relacionada a profundidade de discussão, mas que pode indicar os espaços em que o termo é recorrente.

O primeiro capítulo do Grupo, intitulado “*Praxis*”, é de autoria de Silk e Mayoh (2017). Nele, o termo é discutido de forma sistemática e central, constituindo uma das principais referências da obra para a problematização conceitual da categoria. Os autores mobilizam diferentes fundamentações críticas, como o feminismo, a pedagogia freiriana e os estudos culturais, para sustentar que a práxis é constitutiva do campo dos ECF. Nessa perspectiva, a práxis pode ser entendida “[...] como um conjunto complexo de trajetórias acadêmicas que se encontram, chocam, coabitam e existem em coalescência, muitas vezes, desconfortável dentro de vários esforços para contextualizar a cultura física” (Silk; Mayoh, 2017, p. 61, tradução nossa). Para ambos, essa tensão representa um aspecto saudável.

O termo é mobilizado em múltiplas dimensões, enquanto práxis emancipatória, que conecta teoria e ação com vistas à transformação social; como práxis feminista, que implica metodologias colaborativas e participativas; bem como práxis pedagógica, inspirada em Paulo Freire e Henry Giroux, que valoriza a educação como espaço privilegiado para reflexão crítica e de mudança.

O segundo capítulo a integrar a amostra denomina-se “*The political imperative of feminism*” e foi produzido por Olive (2017). A autora explora a centralidade da práxis no âmbito dos ECF e do feminismo, destacando como o termo se articula entre teoria, metodologia e ação política/ativismo. Olive reforça a noção de que a pesquisa acadêmica deve ir além da mera produção de conhecimento, assumindo um compromisso social, ao incorporar a perspectiva feminista que aponta a práxis como questão metodológica e ética, vinculada ao compromisso com as experiências vividas e à relevância social da pesquisa. Essa formulação é incorporada pela autora ao discutir como o feminismo atua para traduzir teoria em prática, especialmente em pesquisas sobre corpos, gênero e culturas físicas.

Embora fundamental, transformar práxis em ação concreta é um desafio, pois, “embora a práxis de pesquisa seja muito boa na teoria, traduzi-la para a prática é complicado” (Olive, 2017, p. 54, tradução nossa). Esse tensionamento aparece nas experiências da autora com a cultura física, especialmente no surfe, e no engajamento em meios midiáticos, onde a práxis se materializa em contribuições que visam ampliar vozes femininas em espaços dominados historicamente por homens.

Por fim, o terceiro e último capítulo possui autoria de Francombe-Webb, Silk e Bush (2017), intitulado “*Critical corporeal curricula, praxis and change*”. O texto aponta a necessidade de desenvolver currículos corpóreos críticos que sirvam como espaços de práxis e mudança social no ensino superior, especialmente no campo do esporte, historicamente marcado por lógicas neoliberais e cientificistas. Os autores argumentam que a disciplina do esporte, tal como estruturada em muitas universidades, privilegia racionalidades de mercado, eficiência e objetividade positivista, em detrimento de valores democráticos, cívicos e de cuidado.

Nesse contexto, a práxis se manifesta como resistência e intervenção pedagógica. São destacadas práticas pedagógicas inovadoras e interdisciplinares, que incluem apresentações, arte performática, escrita narrativa, autoetnografia e plataformas digitais, como formas de engajar os/as estudantes em experiências corporificadas e reflexivas. A práxis é acionada por meio de abordagens que conectam o pessoal, o político e o cultural, incentivando a crítica às hierarquias de poder e a reflexão sobre desigualdades sociais. A seguir, apresentamos um quadro com a síntese de como o termo práxis é acionado nesses três textos.

Quadro 1. Grupo A - capítulos com ênfase conceitual da práxis.

Capítulo	Título	Autoria	Menção da práxis	Número de aparições do termo
Parte I Cap. 6	Práxis	Silk e Mayoh	Central, conceitual, tida como princípio organizador do PCS; ponte entre teoria e prática orientada à justiça social	28
Part I Cap. 5	<i>The political imperative of feminism</i>	Olive	Conceitual, metodológica e política (práxis feminista)	26
Parte IX Cap. 55	<i>Critical corporeal curricula, praxis and change</i>	Francombe-Webb, Silk e Bush	Eixo conceitual e prático para pensar currículos corporais críticos como agentes de mudança social	4

Fonte: a autoria (2025).

Observamos, ao nos aproximar desses capítulos, que a práxis é tratada como conceito central, articulando teoria e prática, pressupostos feministas, investigação e intervenção nos ECF. Os diferentes contextos contribuem para pensar as possibilidades de uso e reflexão do termo, que se conecta à transformação social, à subversão de injustiças e atenta as relações de poder. A seguir, apresentamos o Quadro 2, que informa os capítulos que compõem o Grupo B, em que o termo práxis aparece com foco secundário e/ou é mencionado pontualmente.

Quadro 2. Grupo B - capítulos com foco secundário e/ou pontual em relação ao uso do termo práxis.

Capítulo	Título	Autoria	Menção do termo 'práxis'	Quantidade de aparições do termo
Parte I Cap. 2	<i>Power and power relations</i>	Atkinson e Gibson	Implícita, ligada à noção de poder.	1
Parte III Cap. 13	<i>Raced bodies and black cultural politics</i>	Carrington	Arelada a ação corporal de atletas negros que transformam o esporte em espaço político.	1
Parte III Cap. 16	<i>(Dis)abled bodies</i>	Howe	Refere-se ao objetivo central do ECF que fundamenta o estudo, bem como a potência da 'prática'.	4
Parte IV Cap. 26	<i>Punished corporal bodies</i>	Miller	Práxis associada ao ECF e ao papel político do/a pesquisador/a em denunciar violências e se engajar para a transformação social. Práxis comprometida.	5
Parte V Cap. 28	<i>Risky/risking bodies</i>	Brown	Surge de forma pontual ao final da discussão, fazendo referência ao chamado coletivo do ECF para prática engajada.	1
Parte V Cap. 29	<i>Invisible (women's) bodies</i>	Toffoletti e Palmer	Emerge a partir do feminismo transnacional, articulando uma práxis política e epistemológica.	2
Parte V Cap. 30	<i>Affective and pleased bodies</i>	Pavlidis	Ideia de práxis comprometida atrelada às concepções do ECF.	1
Parte V Cap. 32	<i>Pregnant bodies</i>	Jette	Surge por meio da leitura feminista e intervencionista da autora em diálogo com ECF.	1
Parte VI Cap. 34	<i>Physical cultural studies, sport and the environment</i>	Wilson e Millington	Práxis aparece ligada à prática reflexiva que conecta corpo, política e ação na pesquisa nos ECF.	1
Parte VII Cap. 40	<i>Mind-body relations</i>	Fullagar	Práxis tida como ação crítica e incorporada.	2

Parte VII Cap. 41	<i>Community and physical culture</i>	Bustad e Clift	Entendida como uma prática crítica e situada, que conecta teoria e ação no estudo e engajamento com comunidades.	1
Parte VIII Cap. 51	<i>Poetry, poiesis and physical culture</i>	Fitzpatrick	Práxis como ação informada necessária para que a poieses (criação) se manifeste.	5
Parte IX Cap. 54	<i>Physical cultural studies and public pedagogies</i>	Rich e Sandlin	Práxis surge associada ao potencial emancipatório do corpo fundamentada no ECF.	3
Parte IX Cap. 56	<i>Sport, development and social change</i>	Forde, Waldman, Hayhurst e Frisby	Práxis como ação coletiva, contraditória e situada.	3
Parte IX Cap. 58	<i>Embodiment and reflexive body politics</i>	Newman, Giardina e McLeod	Práxis como ação reflexiva inspirada em Freire.	1

Fonte: a autoria (2025).

No capítulo “*Power and power relations*”, Atkinson e Gibson (2017) discutem como o poder, em suas diferentes formas, orienta a compreensão da cultura física e das práticas corporais. A práxis é apresentada como a capacidade de ação crítica e reflexiva dos sujeitos nos contextos sociais e culturais analisados, conectando teoria e prática na investigação do poder.

O capítulo de Carrington (2017), “*Raced bodies and black cultural politics*”, exemplifica como a práxis política se manifesta nos corpos de atletas negros, evidenciando o esporte como um espaço de contestação racial e cultural. Ao analisar figuras como Muhammad Ali e Jack Johnson, bem como movimentos políticos como o *Black Lives Matter*, o autor evidencia que a ação corporal, entendida como práxis, constitui um meio de resistência e transformação social.

O terceiro, “*(Dis)abled bodies*” de Howe (2017), investiga os corpos paralímpicos e (des)capacitantes, analisando como atletas com diferentes tipos de deficiência experienciam e são percebidos/as no esporte. Ancorada nos ECF, a pesquisa enfatiza a práxis voltada à aplicação prática da teoria e do engajamento político, buscando compreender e intervir nas desigualdades sociais presentes no contexto esportivo. O autor afirma que o objetivo do seu trabalho é “[...] ser relevante no nível da práxis”, enfatizando a potência da incorporação na pesquisa, do “sujar as mãos”, de estar “cara a cara” com a realidade social (Howe, 2017, p. 164).

Miller (2017), em “*Punished corporal bodies*”, realiza análises sobre a punição corporal nos esportes japoneses, demonstrando como a teoria foucaultiana é útil para explicar os mecanismos de poder e biopoder que naturalizam tais práticas, embora não seja suficiente para indicar caminhos de ação transformadora. A práxis é acionada como exigência de engajamento acadêmico-político que ultrapasse a mera descrição, assumindo a responsabilidade ética de denunciar a violência e propor alternativas.

No capítulo “*Risky/Risking Bodies*”, Brown (2017) analisa como discursos de risco produzem e governam corpos em diferentes contextos da vida social, que influenciam políticas, práticas e experiências na cultura física. Ainda que a práxis não seja o foco central de sua análise, o termo emerge pontualmente na conclusão, quando o autor, em diálogo com Atkinson (2011), reforça que o futuro do campo dos ECF depende de um chamado coletivo à “práxis comprometida” (Brown, 2017, p. 284).

Em “*Invisible (women’s) bodies*”, Toffoletti e Palmer (2017) mostram como as mulheres muçulmanas são representadas de forma limitada nos ECF. A partir do feminismo transnacional, defendem uma práxis que visibiliza experiências diversas, que questionam e evidenciam resistências. Dessa forma, a noção de práxis aparece vinculada a uma ação política e epistemológica transformadora.

No capítulo “*Affective and pleased bodies*,” Pavlidis (2017) analisa experiências no *roller derby* e destaca como prazer, dor e alegria moldam transformações subjetivas e sociais. A noção de práxis aparece de modo pontual, quando os ECF são caracterizados como “práxis comprometida”, capazes de articular teoria e prática para valorizar experiências afetivas como significativas.

Em “*Pregnant bodies*”, Jette (2017) busca examinar como o exercício pré-natal e práticas corporais alternativas (como a dança) moldam as experiências de mulheres grávidas, considerando os contextos históricos, médicos e sociais que influenciam essas práticas. A autora afirma que sua análise dos corpos grávidos “[...] é também explicitamente política e intervencionista, uma tentativa de práxis que reflete minha formação na teoria e prática feministas e contribui ainda mais para uma agenda PCS” (Jette, 2017, p. 319, tradução nossa).

No capítulo “*Physical cultural studies, sport and the environment*”, Wilson e Millington (2017) analisam criticamente a relação entre esporte, especialmente golfe, meio ambiente e políticas ambientais, apontando como práticas culturais físicas interagem com a sustentabilidade, modernização e globalização, bem como propõem alternativas como forma de subversão, como do golfe orgânico.

Em *Mind-body relations*, Fullagar (2017) tem como objetivo examinar as relações mente-corpo no contexto dos ECF, considerando a saúde mental, além de explorar como as culturas físicas e políticas públicas moldam a experiência corporificada da saúde mental. Ela argumenta que os ECF permitem uma abordagem crítica das práticas corporificadas, destacando a importância de considerar as dimensões sociais, culturais e afetivas da fisicalidade. A práxis emerge como ação crítica e incorporada, na qual o conhecimento não é apenas crítico, mas vivido pela experiência corporal.

O capítulo de Bustad e Clift (2017), intitulado “*Community and physical culture*”, busca explorar o conceito de comunidade dentro dos ECF, analisando como práticas e experiências corporais se entrelaçam com relações sociais, culturais e políticas. A práxis surge como forma concreta de atuação e reflexão, utilizando a “elasticidade conceitual” (Bustad; Clift, 2017, p. 420, tradução nossa) do conceito de comunidade para gerar engajamento e intervenção crítica, unindo teoria e prática.

Fitzpatrick (2017), em “*Poetry, poiesis and physical culture*”, explora como a poesia e a *poiesis* (como processos criativos e corporificados) podem ser usadas nos ECF para produzir conhecimento, questionar normas sociais e culturais, e representar experiências corporificadas que o meio acadêmico tradicional não aciona. No texto, a práxis surge no sentido de ação prática ligada à sabedoria prática (*phronesis*), diferenciando-se de *poiesis* (criação) e *theoria* (teoria). Essa abordagem é inspirada em Aristóteles e em outros autores contemporâneos.

O capítulo “*Physical cultural studies and public pedagogies*”, de Rich e Sandlin (2017), investiga como a pedagogia pública surge dentro dos ECF, explorando o papel da cultura, do corpo e do aprendizado para além dos espaços formais. As autoras destacam a necessidade de compreender a pedagogia pública não apenas como transmissão de conhecimento, mas como engajamento crítico, coletivo e performativo que promove justiça social, reflexão crítica e transformação na sociedade. O termo práxis emerge atrelado ao entendimento de ação-reflexão, conforme apresentado pelos ECF, engajando participantes e comunidades em processos que conectam teoria, corpo e intervenção social.

No capítulo “*Sport, development and social change*”, Forde, Waldman, Hayhurst e Frisby (2017) discutem criticamente as relações entre esporte, desenvolvimento e mudança social, mostrando limites das abordagens tradicionais do *Sport for Development and Peace*. A práxis emerge inspirada em Freire, entendida como ação coletiva, contraditória e situada, que conecta esporte e ECF a processos de resistência, engajamento comunitário e transformação social.

Por fim, no capítulo “*Embodiment and reflexive body politics*”, Newman, Giardina e McLeod (2017) têm como objetivo discutir o lugar do corpo nos ECF, problematizando tanto sua redução a representação e discurso quanto o risco de uma reflexividade autorreferente. Os autores defendem a centralidade da incorporação como experiência vivida, material e política. O termo práxis emerge como ação reflexiva inspirada em Freire.

A partir desse mapeamento, observamos que tanto no Grupo A quanto o Grupo B, o termo práxis é mobilizado de diferentes formas, e isso não se dá de maneira rígida ou fixa, mas fluída e contínua, evidenciando a complexidade do conceito nos ECF. Diante disso, no próximo tópico buscamos refletir acerca de categorias interpretativas que nos auxiliam a pensar os diferentes modos em que o termo práxis é acionado, bem como pensar contribuições para a EF.

Práxis em ação: reflexões e dimensões interpretativas

A partir dos capítulos da coletânea, deparamos com uma vasta e frequente citação do termo práxis, atravessando as diferentes partes que compõem a obra. A organização dos achados em dois grupos (A e B) ocorreu com o intuito de melhor organizar os dados, conforme acionados pelos/as autores/as. Identificamos, após leitura e interpretação dos estudos, dimensões conceituais, políticas, pedagógicas e/ou teórico-metodológicas, além da perspectiva feminista, que aborda a práxis como princípio teórico-prático da pesquisa. Essas identificações foram realizadas a partir da leitura e interpretação de cada capítulo, buscando compreender e dar ‘rumo’ às evidências encontradas. Para organização das análises, estruturamos três categorias analíticas que refletem dimensões da práxis: 1) Práxis feminista/metodológica; 2) Práxis emancipatória/social; e 3) Práxis pedagógica/educativa.

Na dimensão de **práxis feminista/metodológica**, mobilizam-se textos que enfatizam metodologia, ética e compromisso social, particularmente atrelada a perspectivas feministas. Olive (2017) explora como a práxis feminista representa teoria em ação, evidenciando engajamento com experiências vividas e na relevância comunitária; Toffoletti e Palmer (2017) defendem a visibilização de mulheres muçulmanas e resistências culturais; Silk e Mayoh (2017) articulam feminismo, pedagogia freireana e estudos culturais para pensar a práxis como constitutiva do campo; Fitzpatrick (2017) propõe a práxis como ação prática ligada à sabedoria prática, sugerindo metodologias outras que trabalham com criatividade.

Já a dimensão de **práxis emancipatória/social**, encontram-se capítulos que conectam teoria e prática para intervenção crítica e transformação social. Destacam-se Atkinson e Gibson (2017), que discutem poder e cultura física; Carrington (2017), que analisa a atuação de atletas negros como resistência política; Howe (2017), que investiga corpos paralímpicos e desigualdades; Miller (2017), que propõe engajamento ético na análise da punição corporal; Brown (2017), que aponta a necessidade de uma práxis comprometida; Pavlidis (2017), com a dimensão afetiva e prazerosa da experiência corporal; Jette (2017), que articula exercício pré-natal e dança a práticas de intervenção; Wilson e Millington (2017), que relacionam esporte, meio ambiente e subversão de práticas culturais; Forde, Waldman, Hayhurst e Frisby (2017), que discutem esporte, desenvolvimento e transformação social; e Newman, Giardina e McLeod (2017) que abordam o corpo como experiência política e reflexiva, problematizando representações e práticas.

Por fim, a **práxis pedagógica/educativa** enfatiza perspectivas de ensino e aprendizagem (que não se restringe aos espaços educativos), engajamento corporal e desenvolvimento de currículos críticos. Francombe-Webb, Silk e Bush (2017) desenvolvem currículos corpóreos críticos que promovem justiça social, reflexão ética e engajamento interdisciplinar; Fullagar (2017) explora as relações mente-corpo e saúde mental por meio de uma ação incorporada; Bustad e Clift (2017) analisam comunidades e práticas corporais como espaço de engajamento crítico; e Rich e Sandlin (2017) investigam pedagogia pública e intervenção social.

A forma como organizamos os textos ao longo das três categorias interpretativas não tem o intuito de estabelecer uma classificação rígida, excludente, fixa ou imutável; pelo contrário, deve ser compreendida como um recurso analítico para facilitar a leitura e a compreensão das múltiplas formas de mobilização do termo práxis. Diversos capítulos circulam por mais de uma categoria, evidenciando a fluidez e a complexidade entre as dimensões sociais, políticas, metodológicas, feministas, emancipatórias e educativas presentes nos ECF.

A análise das diferentes mobilizações do termo nos capítulos oferece implicações potentes para a Educação Física brasileira, ao evidenciar como teoria, prática e reflexão crítica podem ser articuladas para promover experiências corporificadas significativas, que impactam a construção, desenvolvimento e vivência dos sujeitos. Por exemplo, a práxis sob perspectiva emancipatória e social, sugere a necessidade de conectar práticas corporais, ou seja, representações da cultura física, a processos de transformação social, fortalecendo a consciência crítica e o engajamento comunitário. A noção de práxis feminista/metodológica aponta para a

valorização da experiência vivida, do compromisso ético e da inclusão de vozes historicamente marginalizada (como de mulheres e outros grupos sociais não hegemônicos), reforçando abordagens participativas e colaborativas.

Por fim, a noção de práxis por um viés pedagógico/educativo indica a relevância de currículos e estratégias de ensino que integrem ação e reflexão, bem como espaços outros que potencializem discussões críticas, coletivas e emancipatórias, promovendo vivências criativas e socialmente engajadas, capazes de transformar as relações de poder e ampliar os sentidos da Educação Física. Como representação dessa força nos textos analisados, destacamos a relevância acadêmica e social de Paulo Freire, enquanto educador brasileiro, nos estudos do campo dos ECF, tanto em lutas contra estruturas opressoras quanto em prol de transformações sociais por meio da educação.

Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo investigar o modo como o termo práxis emerge na obra *Routledge Handbook of Physical Cultural Studies*, apontando contribuições para a constituição de práticas pedagógicas críticas em processos formativos na EF. Utilizamos, como estratégia metodológica, a busca pelo termo “práxis” no documento, o que resultou na identificação de 18 capítulos em que o conceito aparecia em diferentes contextos. A partir desse levantamento inicial, os textos foram organizados em dois grupos: o Grupo A, no qual a práxis é mobilizada de forma central e sistemática; e o Grupo B, em que o termo aparece de maneira transversal, associado a outras discussões como foco principal.

A análise interpretativa levou à construção de três categorias: práxis emancipatória/social, práxis feminista/metodológica e práxis pedagógica/educativa. Essas categorias não representam ideias fixas e rígidas, como “caixas fechadas”, mas funcionam como lentes analíticas para perceber as múltiplas formas pelas quais o conceito é mobilizado no campo. Em alguns capítulos, a ênfase recai sobre a práxis como resistência política e transformação social; em outros, como metodologia colaborativa feminista; e ainda, como experiência educativa e curricular. Em muitos casos, os textos circulam entre as categorias, evidenciando a fluidez do conceito e sua potência para articular teoria, prática e engajamento.

Os achados mostram que, apesar das diferentes abordagens, há pontos em comum: a práxis é sempre associada à relação entre corpo, teoria e prática, bem como à necessidade de produzir conhecimentos que dialoguem com realidade plural existente em diferentes contextos,

com vistas à transformação social. Essa perspectiva reforça o papel dos ECF como campo crítico, engajado e interdisciplinar, que contribui com olhares atentos às desigualdades sociais, às relações de poder que atravessam os corpos e suas vivências na ampla cultura física.

No contexto da formação em Educação Física, os resultados oferecem potencialidades da práxis articulada entre reflexão/teoria e ação, podendo inspirar práticas pedagógicas que valorizem as experiências corporificadas, a justiça social e a inclusão. Em relação à pesquisa, destacam-se metodologias comprometidas eticamente com os sujeitos e com os contextos investigados, ampliando o impacto social e político. O presente estudo evidencia que a práxis ocupa um lugar central e multifacetado na obra (e nos ECF), contribuindo para fortalecer seu papel como instrumento crítico e transformador, capaz de inspirar a EF a assumir, cada vez mais, o compromisso com a emancipação, a diversidade e a transformação social.

Dessa forma, reconhecemos alguns limites deste estudo: a análise restringiu-se a uma única obra, embora saibamos a diversidade de trabalhos produzidos pelo grupo que acionam diretamente a práxis. Além disso, o critério de seleção foi baseado apenas na busca explícita do termo “práxis”, o que pode ter deixado de incluir discussões conceitualmente próximas, mas não nomeadas dessa forma (como ‘teoria’ e ‘prática’). Assim, os achados não devem ser generalizados para todo o campo, mas compreendidos como uma leitura situada, a partir de um *corpus* específico. Ressaltamos os limites para que outras possibilidades de avanço e novos olhares sobre o tema possam ser explorados em estudos futuros.

ORCID dos autores

Gabriella Gonçalves Mendes da Silva (0000-0002-3033-4461), Eduarda Carolina Irber (0000-0002-7722-2272), Ábia Lima de França (0000-0002-3087-0731), Vitor Hugo Marani (0000-0003-0972-5043).

Conflito de interesses

Os autores declaram não haver conflitos de interesse no presente estudo.

Referências

Andrews, D. L. Coming to terms with Cultural Studies. **Journal of Sport & Social Issues**, v. 26, n. 1, p. 110-117, 2002.

Andrews, D. L. Kinesiology's Inconvenient Truth and the Physical Cultural Studies Imperative. **Quest**, [s.l.], v. 60, n. 1, p.45-62, 2008.

Andrews, D. L.; Silk, M. Physical Cultural Studies On Sport. In: Giulianotti, R (Orgs). **Routledge handbook of the sociology of sport**. Londres: Routledge International Handbooks. 2015. p. 83-93.

Almeida, L. de; Fensterseifer, P. E. A relação teoria-prática na Educação Física escolar: desdobramentos para pensar um "programa mínimo". **Kinesis**, v. 2, n. 3, p. 19-34, 2014.

Atkinson, M. Physical cultural studies [Redux]. **Sociology of Sport Journal**, v. 28, p. 135-144. 2011.

Atkinson, M.; Gibson, K. Power and power relations. In: Silk, M.; Andrews, D. L.; Thorpe, H. (Orgs.). **Routledge Handbook of Physical Cultural Studies**. Londres: Routledge International Handbooks, 2017. p. 24-31.

Brown, M. Risky/risking bodies. In: Silk, M.; Andrews, D. L.; Thorpe, H. (Orgs.). **Routledge Handbook of Physical Cultural Studies**. Londres: Routledge International Handbooks, 2017. p. 277-285.

Bustad, J. J.; Clift, B. C. Mind-body relations. In: Silk, M.; Andrews, D. L.; Thorpe, H. (Orgs.). **Routledge Handbook of Physical Cultural Studies**. Londres: Routledge International Handbooks, 2017. p. 412-422.

Carrington, B. Raced bodies and black cultural politics. In: Silk, M.; Andrews, D. L.; Thorpe, H. (Orgs.). **Routledge Handbook of Physical Cultural Studies**. Londres: Routledge International Handbooks, 2017. p. 130-140.

Devide, F. P. Educação Física e Saúde: em busca de uma reorientação para a sua práxis. **Movimento (Esefid/Ufrgs)**, v. 3, n. 5, p. 44-55, 1996.

Fitzpatrick, K. Poetry, poesis and physical culture. In: Silk, M.; Andrews, D. L.; Thorpe, H. (Orgs.). **Routledge Handbook of Physical Cultural Studies**. Londres: Routledge International Handbooks, 2017. p. 515-527.

Forde, S.; Waldman, D.; Hayhurst, L. M. C.; Frisby, W. Sport, development and social change. In: Silk, M.; Andrews, D. L.; Thorpe, H. (Orgs.). **Routledge Handbook of Physical Cultural Studies**. Londres: Routledge International Handbooks, 2017. p. 568-579.

França, A. L. de; Marani, V. H. Nascimento, C. S. Corpo, educação e justiça social: diálogos entre Paulo Freire e estudos culturais físicos. **Revista Humanidades e Inovação** - ISSN 2358-8322 - Palmas-TO - v.10, n.15, 2024.

Freire, P. **A pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Francombe-Webb, J. Silk, M.; Bush, A. Critical corporeal curricula, praxis and change. In: Silk, M.; Andrews, D. L.; Thorpe, H. (Orgs.). **Routledge Handbook of Physical Cultural Studies**. Londres: Routledge International Handbooks, 2017. p. 558-567.

Fullagar, S. Mind–body relations. In: Silk, M.; Andrews, D. L.; Thorpe, H. (Orgs.). **Routledge Handbook of Physical Cultural Studies**. Londres: Routledge International Handbooks, 2017. p. 401-411.

Godoy, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

Howe, D. P. (Dis)abled bodies. In: Silk, M.; Andrews, D. L.; Thorpe, H. (Orgs.). **Routledge Handbook of Physical Cultural Studies**. Londres: Routledge International Handbooks, 2017. p. 159-166.

Irber, E. C.; França, A. L.; Marani, V. H. Estudos Culturais Físicos e Feminismo: Relações entre Corpo, Gênero e Justiça Social. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 244–269, 2024. DOI: [10.35699/2447-6218.2024.52164](https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/52164). Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/52164>. Acesso em: 3 out. 2025.

Jette, S. Pregnant bodies. In: Silk, M.; Andrews, D. L.; Thorpe, H. (Orgs.). **Routledge Handbook of Physical Cultural Studies**. Londres: Routledge International Handbooks, 2017. p. 313-319.

Lara, L. M.; Rich, E. Os estudos de cultura física na Universidade de Bath-Reino Unido: dimensões de uma abordagem muito além da fisicalidade. **Movimento**, v. 23, n. 4, p. 1311-1324, 2017.

Lara, L. M.; Herold Junior, C.; Miranda, A. C. M.; de Souza, V. F. M. Resenha de Routledge Handbook of Physical Cultural Studies, **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 41, n. 2, p. 229-230, 2019.

Marani, V. H. O (re)conhecimento do corpo nos estudos culturais físicos: a pesquisa (in)corporada como meio para a visibilidade social. In: Simpósio estudos culturais na educação física: 15 anos de pesquisa em corpo, cultura e ludicidade, 1, 2019, Maringá. **Anais [...]** Maringá: Gpccl, 2019. p. 35 - 42.

Marani, V. G.; Sá, A. B.; Lara, L. M. Introdução à obra Routledge Handbook of Physical Cultural Studies, organizada por Michael L. Silk, David L. Andrews e Holly Thorpe. **Acta Scientiarum Education**. 43. 2021. E59271. 10.4025/actascieduc.v43i1.59271

Marani, V. H.; Silva, G. G. M.; Irber, E. C.; Araújo, P. F. B. Gênero, sexualidade e raça nos Estudos Culturais Físicos. Brasil: **Humanidades e Inovação**, v. 8, n. 58, 28 jan. 2022. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/5500>. Acesso em: 02 jul. 2025.

Miller, A. L. Punished corporal bodies. In: Silk, M.; Andrews, D. L.; Thorpe, H. (Orgs.). **Routledge Handbook of Physical Cultural Studies**. Londres: Routledge International Handbooks, 2017. p. 257-263.

Natividade, L. Praxis Capoeirana: um jogo de saberes na formação docente em educação física. **Urutaguá**, p. 1-9, 2007.

Newman, J. I.; Giardina, M. D.; McLeod, C. M. Embodiment and reflexive body politics. In: Silk, M.; Andrews, D. L.; Thorpe, H. (Orgs.). **Routledge Handbook of Physical Cultural Studies**. Londres: Routledge International Handbooks, 2017. p. 587-598.

Olive, R. The political imperative of feminism. In: Silk, M.; Andrews, D. L.; Thorpe, H. (Orgs.). **Routledge Handbook of Physical Cultural Studies**. Londres: Routledge International Handbooks, 2017. p. 51-60.

Pavlidis, A. Affective and pleased bodies. In: Silk, M.; Andrews, D. L.; Thorpe, H. (Orgs.). **Routledge Handbook of Physical Cultural Studies**. Londres: Routledge International Handbooks, 2017. p. 295-303.

Rich, E.; Sandlin, J. A. Physical cultural studies and public pedagogies. In: Silk, M.; Andrews, D. L.; Thorpe, H. (Orgs.). **Routledge Handbook of Physical Cultural Studies**. Londres: Routledge International Handbooks, 2017. p.548-557.

Sandoli, F.; Marani, V. H. Corpo e Estudos Culturais Físico: incursões iniciais. **Revista Eletrônica Interdisciplinar**, v.15, n.1, p.142-151, 2023.

Silk, M.; Andrews, D. L. Toward a Physical Cultural Studies. **Sociology of Sport Journal**, v. 28, n. 1, p. 4-35, 2011.

Silk, M.; Andrews, D. L.; Thorpe, H. **Routledge handbook of Physical Cultural Studies**. Nova Iorque: Routledge International Handbooks, 2017.

Silk, M.; Andrews, D. L.; Thorpe, H. Introduction. In: Silk, M.; Andrews, D. L.; Thorpe, H. (Orgs.). **Routledge handbook of Physical Cultural Studies**. Nova Iorque: Routledge International Handbooks, 2017, p. 1-12.

Silk, M.; Mayoh, J. Praxis. In: Silk, M.; Andrews, D. L.; Thorpe, H. (Orgs.). **Routledge handbook of Physical Cultural Studies**. Nova Iorque: Routledge International Handbooks, 2017, p. 61-69.

Thorpe, H.; Barbour, K.; Bruce, T. "Wandering and Wondering": Theory and Representation in Feminist Physical Cultural Studies. **Sociology of Sport Journal**, v. 28, n. 1, p.106-134, 2011.

Toffoletti, K.; Palmer, C. Invisible (women's) bodies. In: Silk, M.; Andrews, D. L.; Thorpe, H. (Orgs.). **Routledge handbook of Physical Cultural Studies**. Nova Iorque: Routledge International Handbooks, 2017 p. 286-294.

Wilson, B.; Millington B. Physical cultural studies, sport and the environment. In: Silk, M.; Andrews, D. L.; Thorpe, H. (Orgs.). **Routledge handbook of Physical Cultural Studies**. Nova Iorque: Routledge International Handbooks, 2017, p. 333-343.